

# O Mar de Monte Abraão

**Teatro**  
HELENA SIMÕES

**D**esta vez, o espectáculo visto permite reflectir sobre o teatro para a infância e a sua importância sócio-cultural na sensibilização ao fenómeno teatral. Foi no *Teatrosefera*, em Monte Abraão, perto do Palácio de Queluz. Tal como consta no site existe desde 1995 e, desde 2001, com o apoio da Câmara Municipal de Sintra (que culminou com a construção do Teatro) e com os subsídios do Ministério da Cultura/Instituto das Artes.

O *Teatrosefera* tem desenvolvido o que é mais difícil nesta profissão: criar no público o hábito de ir ao teatro. Para isso tem trabalhado sobretudo os autores portugueses, a dramaturgia contemporânea e dirigido Oficinas de Expressão Dramática para alunos e professores do 1º ciclo, integradas nos programas sócio-educativos da Câmara Municipal de Lisboa e da Câmara Municipal de Sintra.

Espectáculo para os mais pequenos (e para os menos pequenos), encenado por Teresa Faria, actriz que conheci nos bancos da Faculdade de Letras, no início da década de 90 do século passado. Eram os tempos iniciais (e seminais) da Especialização em Estudos de Teatro na Universidade, ousadamente identificado pelo sardão (bondoso e generoso) professor Osório Mateus. Também exímio crítico, defendia que em matéria de teatro era fundamental aliar a teoria à praxis. Partilhava com verdadeira alegria os seus vastos conhecimen-

tos, mesmo com os menos académicos de entre todos os que aceitei receber nesse curso. Aqui fica a evocação. Curiosamente, no dia da estreia no *Teatrosefera*, na plateia esgotada assistiam quatro dos que frequentaram esse primeiríssimo ano. Há encontros assim: marcam.

Tal como o espaço da sala, organizada «à italiana» no frente-a-frente palco-plateia, a proposta cenográfica também é simples e eficaz. Cobee o palco «almofadado» de tecido branco e de areia, onde jaz um rochedo, a casa do «Menino» (concebida com base num escadote) e o mar. O mar, um verdadeiro achado, como um tear que em vez de fios usa fitas (em borracha) azuis, que quando em repouso se

organizam como uma superfície lisa (em plano inclinado), onde é possível «mergulhar» por entre os intervalos nas fitas, suficientemente elásticas para permitir o movimento de entrada e saída dos corpos e voltar ao estado de imobilidade. Muito importante para as «aparições» e «desaparições» das personagens que estão no fundo ou no meio do mar: o caranguejo, o polvo, o peixinho e claro, a menina do mar. A Teresa escolheu a fascinante história de Sophia, *A Menina do Mar* para contar às crianças. Depois adaptou-a dramaticamente à cena, reescreveu diálogos, juntou poesia de Sophia. Introduziu algum léxico reconhecível de «histórias» televisivas do canal Panda e outro, ecológico, em relação com o tema

da água como recurso a preservar. Criou a personagem do poeta que introduz a acção do menino que por amor à menina, sendo da Terra passa a ser do Mar.

O espectáculo já fez o teste pelas escolas e é um facto que durante os seus 60 minutos, as crianças de várias faixas etárias e respectivos pais seguiram atentamente o texto, as imagens, as danças, a mímica, as canções. Os vários instrumentos da modelização simbólica da realidade, em uníssono ou individualmente, prenderam a atenção e cativaram a imaginação. Mergulhamos no mar, mas não perdemos o pé, pois, não perdemos de vista que estamos no teatro. O palco é um grande estrado quadrado, as cortinas e as cordas está-

à vista, a teta com os projectores também, o estatuto da dupla enunciação que a personagem do poeta em cena torna evidente: tudo ajuda a comunicar (didacticamente?) as categorias teatrais. Depois dos aplausos a encenadora ainda chama ao palco e nomeia os vários mediadores que concorreram para a produção do espectáculo.

Para as crianças é simples: fazer e ver teatro é uma actividade natural, uma variante da realidade. ●

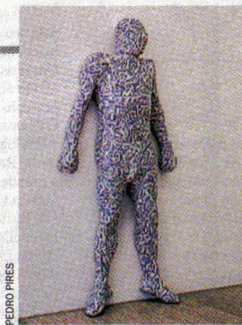


O Menino e o Mar

*O MENINO E O MAR*, a partir de *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, texto e encenação Teresa Faria, assistência ao texto Paulo B. e todo o elenco, cenografia Paula Sousa e Ricardo Trindade, figurinos Paula Sousa, movimento e coreografia Bernardeste Sant'Ana, adereços Natércia Castro, fantoches Ana Pinho, Paula Sousa, iluminação El Duplo, selecção musical Teresa Faria, com Jona Mendes, Miguel Freire, Paulo B., Sílvia Figueiredo, Vítor Oliveira. *Teatrosefera*, sábados às 16h00 e domingos às 11h00. Até 2 de Novembro.

Ribeiro para Célia Bragança, 2007). A materialidade desta obra, texturas, cromatismo dilatado, é, em todo o caso, a reflexão sobre as matérias, algo que se respira e constantemente se traí pelo imaginário, descoberta das próprias palavras, e das palavras que dizem as imagens: é daí, no fundo, que a pintura se faz, sempre em trânsito — como explica a pintura — sempre em movimento, repetindo a imagem com emoções diferentes. E ainda: a viagem como reconstrução. ● Galeria Culture, Lisboa, até 28 de Outubro

R.S.



PEDRO PIRES

## Pedro Pires

### O lugar do corpo

O corpo tem sido o principal tema de trabalho de Pedro Pires. Escultura após escultura, este jovem artista, nascido em Luanda, em 1978, tem vindo a ensaiar uma reflexão sobre o interior e o exterior do corpo. Dito de outro modo, ele procura perceber de que forma a pele pode, ou consegue, espelhar as idiosincrasias de um corpo. No fundo, de que forma aquilo que não se vê pode condicionar a fronteira entre o ser humano e o universo. E é o próprio corpo do artista que serve de molde a estas experiências sobre a volumetria e a personalidade. Neste exposição, reúnem-se mais três peças, feitas a partir de taças de sopa, moldes industriais de alumínio, em forma de quadrado, e azulejos. Numa nota introdutória, em jeito de poema, Pedro Pires escreve: «A relação com o eu/ com o outro/ com o planeta./ Tubos quadrados industriais que desaparecem./ Taças para dar

de comer./ Azulejos portugueses que contextualizam um corpo./ Uma parede modelada por um copo./ Estas esculturas pretendem funcionar como processos de (auto) distanciamento./ Um home, / um homem numa casa, / um homem numa cidade, / um homem num planeta.» Um olhar de fora para dentro, um impulso de dentro para fora. ● *Arte Periférica*, Lisboa, 6 de Novembro



ILDA REIS

## Ilda Reis

### Obra gráfica

Assinalando os 10 anos da morte de Ilda Reis, um dos nomes mais importantes da gravura portuguesa, a Galeria Salgado e a Biblioteca Nacional de Lisboa (BN) organizam uma exposição retrospectiva da sua obra gráfica. Recorrendo 60 gravuras, todas provenientes do espólio em depósito na BN, a mostra percorre três décadas de actividade artística. São trabalhos que se destacam pelo uso de formas orgânicas, a expressividade da cor, como o verde

e o vermelho, ou o carácter incisivo do gesto. Da mesma forma, sobressaem as temáticas que dominaram a obra de Ilda Reis, como os «tempos de vida», as líricas de Camões, os poemas de Pessoa, o monocratismo e os retratos. «Nunca nenhuma gravura alguma vez deixou de ter esse empenho que exterioriza e interioriza essa força incontível que é por um lado o esforço e jeito do braço, exactamente, é, por outro, a força do espírito que é outra força ainda maior», escreveu Fernando de Azevedo a seu propósito. «Não existe arte da gravura possível sem o concerto destas duas forças de que o papel, a prova, nem sempre testemunha a dimensão reconhecível. Este aspecto, esta espécie de rosto do trabalho, reconheço-se, está reflectido, nas gravuras de Ilda Reis quase como se por ele se determinasse a morfologia que as distingue das outras.» Vários documentos, catálogos, fotografias e utensílios complementam a exposição. ● *Biblioteca Nacional de Portugal*, Lisboa, até 12 de Janeiro de 2009

L.R.D.